

## **A monarquia unificada de Israel: poder e religião**

Felipe de Carvalho Ferreira<sup>1</sup>

O presente artigo foi escrito para a nossa apresentação, em sessão de comunicações de alunos pesquisadores em história antiga, no *Seminário Representações, Poder e Práticas Discursivas*, promovido pelo LITHAM - Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História, Antiguidade e Medievo da UFRRJ, e pretende apresentar o estágio atual, ainda inicial, de nossa pesquisa, a qual tem por tema a análise do poder e da religião na monarquia unificada de Israel. Após consulta à bibliografia pertinente a tal temática, optamos por fazer uma apresentação de um debate historiográfico, com a visão de alguns autores, levantamento que será apresentado na segunda parte de nosso artigo. Na primeira, indicaremos os tópicos que comporão nossa pesquisa, de modo discursivo, seguindo os ensinamentos do Professor Doutor Ciro Flamarion Cardoso<sup>2</sup>, no capítulo "Os passos da pesquisa histórica", o qual se encontra inserido em sua obra *Uma Introdução à História*.

No tocante à nossa problemática, este artigo vem abordar os motivos da curta duração do Reino Israelita unificado (cerca de 1020/1010 a 922 a.C) e também o porquê dessa unificação. Sendo assim, tentaremos, no decorrer de nossa pesquisa, levantar as afirmações de alguns autores sobre este tema, em suas respectivas abordagens historiográficas. Além disso utilizaremos a Bíblia, como nossa única fonte disponível, para o desenvolvimento do estudo, na tentativa de afirmar ou refutar as hipóteses que já formulamos. Justificamos, inicialmente, a nossa pesquisa devido a uma curiosidade pessoal sobre o tema porém, sobretudo, para suprir, em nosso entender, uma escassez de trabalhos, os quais abordem o assunto.

Em um âmbito teórico, tentaremos abordar o modelo monárquico existente em Israel, tendo em vista as diferentes características, tanto políticas quanto religiosas dos respectivos reinados: de Saul (1020/1010 ? a 1000 a.C.) tendo ele introduzido a monarquia; Davi (1000 a 960 a.C.), o conquistador de Jerusalém e unificador de Israel, e, por fim, o terceiro e último rei, Salomão (960 a 922 a.C.), responsável pela "Idade de Ouro de Israel"<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Graduando em História da UFRRJ – “campus” Seropédica. Membro do LITHAM – Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História, Antiguidade e Medievo da UFRRJ.

<sup>2</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma Introdução à História*. São Paulo: 7ª ed. Editora Brasiliense, 1988, pp. 81- 89.

<sup>3</sup> Termo usado por BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: 4º ed. Paulinas, 1980, p. 284.

Retomando o item “hipóteses”, formulamos três, podendo ser confirmadas ou refutadas, no decorrer da pesquisa. São elas:

- 1) Embora a Bíblia, única fonte histórica que dispomos, explique a formação da monarquia unificada de Israel, afirmando que os hebreus desejavam ter um Reino como os povos vizinhos, as estruturas políticas destes, na realidade, estavam desagregadas e enfraquecidas, e está foi a razão para o sucesso da unificação das Tribos de Yahweh<sup>4</sup> em um Estado unificado.
- 2) A monarquia israelita atingiu seu apogeu no ato da unção de Salomão por seu pai Davi, proclamando-o seu sucessor como rei de Israel, de modo que a participação do povo no processo político e religioso na escolha de seu líder, foi significativamente enfraquecido.
- 3) O fato de Davi ter conquistado Jerusalém para os hebreus, e Salomão ter edificado o templo de Yahweh<sup>5</sup> nesta cidade, não foram suficientes para manter unificado o reino, não impedindo os cismas tanto político quanto religioso, que dividiram a monarquia unificada de Israel.

Como única fonte, para o desenvolvimento de nossa pesquisa, utilizaremos a Bíblia, mais especificamente os livros de 1 e 2 Samuel e 1 Reis, os quais abordam todo período de unificação monárquica em Israel, até aproximadamente 922 a.C., altura na qual ocorreram os cismas citados na última hipótese. Tal divisão levou à constituição de dois novos reinos: Israel – formado pelas antigas dez tribos do Norte –, e Judá – ao Sul, envolvendo as antigas tribos de Benjamin e Judá e incluindo Jerusalém – fato que concedeu a este reino imensa relevância tanto em termos religiosos quanto políticos, para o judaísmo antigo.

No que concerne à metodologia utilizaremos a Análise de Conteúdo, com a construção de Grades de Leitura e Análise, visando a destacar quais os temas que mais estão presentes nas fontes textuais selecionadas para nossa pesquisa; nesse caso, fragmentos dos livros I e II Samuel e I Reis extraídos da *Bíblia de Jerusalém*<sup>6</sup>, versão

---

<sup>4</sup> Termo utilizado pelo Professor Doutor Ciro Cardoso. Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental: política e religião. Os povos do Oriente Próximo. Reis e sacerdotes. Poder e religião.* São Paulo: Contexto, 1990, p. 60.

<sup>5</sup> No Shemót, segundo Livro da Torá, a qual reúne os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica e seu equivalente, o Livro do Êxodo, no Pentateuco da Bíblia cristã, neste caso, na tradução contida na *Bíblia de Jerusalém*, precisamente no capítulo 3, versículos 13 e 14, perguntado por Moisés, acerca de seu Nome, o Deus de Israel disse-lhe: “Eu sou aquele que é. Mesmo assim, a mesma tradução supracitada chama logo adiante, de Iahweh, o Deus de Israel e tal nome, lahweh, ficou amplamente reconhecido e utilizado pela historiografia.

<sup>6</sup> SOCIEDADE BÍBLICA CATÓLICA INTERNACIONAL E PAULUS. *A Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Paulus, 1985.

bíblica academicamente aceita e amplamente usada. Cada Grade de Leitura e Análise, de tipo qualitativo, que utilizaremos em nossa pesquisa, é dividida em três colunas e várias linhas. A primeira coluna conterá os temas centrais presentes na fonte e na Grade é chamada de “Categorias Temáticas e Sub-Categorias”, essas últimas quando são subdivisões das primeiras. Em seguida, na segunda coluna, denominada “Unidades de Registro”, transcreveremos palavras ou expressões, que se adequam às respectivas categorias temáticas e subcategorias, às quais se referem. Por fim, na última coluna intitulada “Unidades de Numeração”, colocaremos um algarismo, o qual indica quantas unidades de registro aparecem na respectiva linha ao lado, à qual o algarismo se refere, revelando, na prática, qual o tema foi mais abordado no fragmento bíblico analisado.

Passando à segunda parte de nosso artigo, trataremos do contexto histórico, no qual estão presentes a formação, o apogeu e a desagregação da monarquia unificada de Israel, segundo levantamento bibliográfico que realizamos. O início da Monarquia Israelita representa o fim da Liga Tribal e, por conseguinte, o surgimento da figura do rei, como líder terreno dos hebreus, embora o verdadeiro senhor que comanda os destinos de Israel seja seu Deus único, Iahweh.

Em princípio, tanto a Bíblia quanto historiadores e pesquisadores afirmam que um dos pontos centrais para a decadência da liga tribal israelita, de certo modo, teria sido a fraca união e falta de força, tecnologia e organização militar da mesma, perante os ataques filisteus. Segundo descrição de John Bright<sup>7</sup>, os filisteus eram um povo pouco numeroso. Os mesmos possuíam como modelo estatal uma aristocracia militar, e como sugere não só seus nomes personativos, mas também seu modelo religioso, como os nomes de seus deuses, podemos ver, claramente, uma influencia Canaanita. Tal influência é explicada segundo Bright, por certa miscigenação entre os dois povos, dessa forma, ocasionando uma assimilação cultural por parte filistéia, de características tanto religiosas, quanto político/militares dos cananeus. Tendo os filisteus imigrado para a terra de Canã, pouco tempo após Israel, estando em guerra esses dois desde o período dos Juízes – época da Liga Tribal Israelita.

A Confederação Tribal ou Liga Tribal durou aproximadamente duzentos anos (cerca de 1210 a 1020/1010 a.C.), tendo recebido o golpe decisivo responsável pelo seu declínio, aproximadamente, em 1050 a.C., na batalha descrita em 1 Samuel, 4, na qual em uma investida frustrada contra os filisteus, além da morte da maioria dos

---

<sup>7</sup> BRIGHT, John. *História de...* op. cit., p. 238.

combatentes, a Arca da Aliança, símbolo da presença de Yahweh junto ao povo hebreu, foi tomada e levada pelos filisteus. Assim, os filisteus, segundo John Bright<sup>8</sup>, destruíram o santuário da Liga Tribal em Silo e espalharam suas guarnições, ocupando assim a terra. Segundo o mesmo autor, os filisteus afirmaram o seu monopólio do ferro, sendo o mesmo só abundante entre os hebreus apenas no reinado de Davi.

Sobre o período de domínio dos filisteus (aproximadamente de 1050 a 1020/1010 a.C.), época obscura da história antiga de Israel, só se sabe que o povo hebreu possuiu como guia, Samuel, o último da *ordem* dos juízes, os quais eram uma espécie de líderes carismáticos, e segundo a Bíblia, levantados por Yahweh para liderar o povo em tempos difíceis.

Para falarmos em um reino unificado, é necessário que se entenda que, diferentemente do modelo Estatal implantado no Ocidente, no qual a religião é menos vinculada ao Estado, embora dele também faça parte, como na Grécia e em Roma, no Antigo Oriente Próximo, no caso de nossa pesquisa, especificamente em Israel, política e religião funcionam simultaneamente em uma mesma engrenagem. Assim expressa-se o Professor Ciro Cardoso:

Ora, no antigo Oriente Próximo só artificialmente podemos separar ‘política’, ‘economia’ e ‘religião’. Os templos eram parte integrante do aparelho de Estado, tanto quanto o palácio real; templos e palácios eram elementos centrais na organização das atividades que hoje consideramos ‘econômicas’ (as de produção, distribuição e circulação de bens e serviços).<sup>9</sup>

Como pudemos observar, no trecho acima citado, tanto o Estado monárquico israelita, quanto os outros modelos de Estado do antigo Oriente Próximo são profundamente ligados à religião, sendo teoricamente impossível visualizarmos uma separação entre ambos, ou seja, poder e religião. E a compreensão sobre tal modelo é de extrema importância, para que se entenda a forma com a qual Israel se tornou um reino unificado.

Quanto às causas, que levaram à unificação dos hebreus, em um único Estado monárquico, segundo narra a Bíblia, os anciãos de cada tribo de Israel se reuniram com Samuel no santuário de Ramá, onde o mesmo morava no intuito de lhe fazer um pedido:

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 240.

<sup>9</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental...* op. cit., p. 10.

“[...] Constitui sobre nós um rei, o qual exerça a justiça entre nós, como acontece em todas as nações”<sup>10</sup>. Nesta passagem, observamos o que, segundo a Bíblia e também o que afirmam alguns pesquisadores como Henri Cazelles, seria o motivo para a instalação de um modelo monárquico em Israel. Informa Cazelles: “[...] a monarquia foi introduzida em Israel à imitação de países alienígenas”<sup>11</sup>. As duas transcrições acima, a bíblica e a de Cazelles complementam-se, indicando, segundo a nossa avaliação de modo incompleto, que haveria somente um desejo de imitação dos povos vizinhos, na constituição da Monarquia unificada de Israel.

O motivo que é por nós considerado, como sendo o que possui mais sustentação histórica, no que concerne ao processo de unificação das tribos de Iahweh em um único Estado, e que, não por acaso, tornou-se a nossa primeira hipótese de pesquisa foi o fato de que, no final do século XI a.C., – data da formação da Monarquia unificada de Israel –, Estados e civilizações vizinhas, como o Egito Faraônico a região da Mesopotâmia, estavam enfraquecidos.

O Reino unificado de Israel iniciou-se com Saul, tendo sido ungido por Samuel e escolhido como primeiro rei, tanto por Yahweh quanto pelo povo, tendo Saul governado aproximadamente de dez a vinte anos (1020/1010 (?) a 1000 a.C.). Segundo o Professor Ciro Cardoso<sup>12</sup>, o reinado de Saul somente exerceu uma quebra parcial do modelo político e institucional da época da Confederação Tribal, tendo ele apenas traçado e iniciado “(...) *um esboço de instituições estatais e de exército permanente.*” Saul exerceu o importante papel de introdutor da monarquia, entretanto, mesmo assim, seu reinado não possuiu grande relevância, pois, ainda de acordo com os ensinamentos do Professor Ciro Cardoso, o rei Saul “[...] foi acima de tudo um chefe militar carismático, espécie de novo juiz, mas em escala muito ampliada”<sup>13</sup>.

Com o desapontamento de Yahweh, devido a atitudes tomadas por Saul, segundo a Bíblia, Davi é escolhido e ungido por Samuel, para se tornar o segundo rei de Israel. Anos antes deste acontecimento, outro fez de Davi, já um grande líder perante o povo hebreu e, ademais, tal episódio, abaixo transcrito, foi um divisor de águas entre o fim da Idade do Bronze, em Israel, e o início da do Ferro. Vemos na narrativa bíblica a batalha de Davi contra o gigante Golias, o qual segundo a *Bíblia de Jerusalém* era o

---

<sup>10</sup> 1 Sm 8, 4-5.

<sup>11</sup> CAZELLES, Henri. *História Política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno*. Tradução de Cácio Gomes. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 121.

<sup>12</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental...* op. cit., p. 64.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 64.

melhor guerreiro dentre os filisteus, tendo tal relato, como ponto principal, seguinte narrativa: “Davi correu, pôs o pé sobre o filisteu, apanhou-lhe a espada, tirou-a da bainha e a cravou no filisteu e, com ela, decepou-lhe a cabeça”<sup>14</sup>. Ao tomar a arma de ferro de Golias, simbolicamente, Davi conquista para Israel a metalurgia do ferro. O uso do ferro foi extremamente importante tanto para a confecção de armas de guerra quanto para instrumentos agrícolas, uma vez que o ferro é bem mais resistente do que o bronze.

Com a morte de Saul na Batalha de Gelboé<sup>15</sup> e o desaparecimento de Isbaal pretendente ao trono, Davi, já ungido, como rei de Judá em Hebron, tornou-se doravante Rei de toda Israel, realizando assim a união entre as tribos do Norte e as tribos do Sul, ou seja, unificando Israel. O governo de Davi (1000 a 960 a.C.) possui um caráter mais efetivamente monárquico, tendo introduzido uma estrutura de governo mais organizada, tanto militar, quanto politicamente falando. Como pontos importantes de seu governo Davi conquistou dos jebuseus, Jerusalém, que passou a ficar conhecida por “cidade de Davi”, e transferiu a capital de Israel, de Hebron para Jerusalém. Também segundo o Professor Ciro Cardoso, o rei Davi ordenou um censo:

[...] com o intuito aparente de submeter os próprios israelitas ao pagamento de impostos e a uma regularização do recrutamento militar, provocando a indignação dos profetas e outros tradicionalistas. [...]. As resistências às mudanças desembocaram em uma grave rebelião chefiada por um dos filhos do rei, Absalão, e em seguida numa **tentativa da parte norte do reino de separar-se**. Ambas as revoltas foram esmagadas *manu militari*.<sup>16</sup>

Notemos que, o trecho em negrito, já indica a disposição da porção Norte de Israel em se separar da do Sul, um prenúncio do que de fato acabou ocorrendo, na sucessão do último rei da Monarquia unificada de Israel – Salomão. Por fim, ainda quanto ao rei Davi, devemos ressaltar que afirmou certa supremacia sobre os povos inimigos, tais como os filisteus e os canaanitas e, de certo modo, legitimou o modelo monárquico ao ungir seu filho Salomão, proclamando-o seu sucessor como rei de Israel.

---

<sup>14</sup> A narrativa encontra-se em 1 Sm 17, 40-51. Entretanto, o versículo citado é o de número 51.

<sup>15</sup> Cf. 1 Sm 31.

<sup>16</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental...* op. cit., pp. 65-66. Grifos nossos.

Com a morte de Davi, logo após sua unção, Salomão tomou posse de sua posição como rei (960 a 922 a.C.) exercendo o reinado de maior importância, tanto econômica e comercial, quanto política e religiosa, da história de Israel. No período de seu reinado, aumentou sua força militar, expandindo seu exército, em âmbito numérico e aumentando seu poder bélico com a tecnologia da metalurgia do ferro. No que se refere a alianças políticas, Salomão mostrou-se um excelente diplomata, firmando laços com o Egito Faraônico, com a Fenícia e com a Arábia.

Assim, o seu reinado ficou conhecido como a *Idade do Ouro de Israel*, não apenas por sua expansão territorial e enriquecimento econômico, mas também porque foi Salomão quem realizou a obra de maior importância, tanto política, quanto, sobretudo, religiosa, do período da Monarquia unificada de Israel: a construção do templo de Yahweh em Jerusalém<sup>17</sup>, a qual é narrada assim:

No ano quatrocentos e oitenta após a saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no quarto ano do reinado de Salomão sobre Israel, no mês de Ziv, que é o segundo mês, ele construiu o Templo de Iahweh. O templo que o rei Salomão edificou para Iahweh tinha sessenta côvados de comprimento, vinte de largura e vinte e cinco de altura.<sup>18</sup>

Para realizar tal obra, Salomão aumentou os impostos que haviam sido estipulados por seu pai. Assim podemos concluir que em seu reinado, houve uma real e definitiva ruptura com a Confederação Tribal. Contudo, a união monárquica mostrou-se da mesma maneira, frágil, e com a morte de Salomão, no de 922 a.C., o reino fragmentou-se em dois, ambos política e religiosamente instáveis.

---

<sup>17</sup> O Templo que Salomão construiu para o Deus de Israel, em Jerusalém, objetivava, sobretudo, guardar no seu recinto mais sagrado: o Santo dos Santos, a Arca da Aliança do Sinai, a qual continha os Dez Mandamentos enviados por Deus a Moisés, segundo relatado no Livro bíblico do Êxodo. Este templo foi chamado de Templo de Salomão ou 1º Templo de Jerusalém, uma vez que o mesmo foi destruído no ano 586 a.C., quando da invasão e conquista do Reino de Judá, pelo Império Neobabilônico. Neste episódio a Arca da Aliança desapareceu para sempre. O 2º Templo de Jerusalém começou a ser edificado no mesmo século VI a.C., após o Rei persa aquemênida Ciro, o Grande ter libertado os judeus de seu cativeiro na Babilônia. Entretanto este 2º Templo só foi aumentado e embelezado ao tempo do reinado de Herodes Magno (37 a 4 a.C.), por isso é também conhecido por Templo de Herodes, o qual foi incendiado pelas tropas romanas, chefiadas por Tito, filho do Imperador Vespasiano, e futuro Imperador de Roma, no verão do ano 70 d.C., quando a primeira revolta judaica contra Roma, na Judeia, já caminhava para a derrota dos judeus. O que restou deste 2º Templo, é hoje o local mais sagrado para o judaísmo: o Muro das Lamentações, que apoiava o Monte do Templo.

<sup>18</sup> 1 Rs 6, 1-2.

Com a morte de Salomão, a Monarquia unificada entrou em colapso. Segundo a Bíblia<sup>19</sup> narra, no reino de Roboão, filho de Salomão, os impostos tornaram-se muito “pesados”, e as antigas dez tribos do Norte rebelaram-se contra tal jugo, dividindo assim Israel em dois reinos: Israel ao Norte, tendo como rei escolhido pelos anciãos destas dez tribos – Jeroboão –, e ao Sul o reino de Judá, constituído pelas antigas tribos de Benjamin e Judá, tendo como capital Jerusalém, e se mantendo também fiel à casa de Davi, tendo como seu rei, Roboão, filho de Salomão.

Em conclusão, desta forma chegava ao seu crepúsculo, o curto, porém, importante período da Monarquia unificada de Israel, ao fim de um século, que assistiu a sua formação, o seu apogeu e, por fim, a sua desagregação, com o Cisma político e religioso entre os Reinos de Israel, ao Norte e Judá, ao Sul.

---

<sup>19</sup> 1 Rs 12.